

João Pessoa - Número Seis - Março de 2004

**Sociabilidade e uso do espaço na ótica do medo
no urbano contemporâneo:
o caso da cidade de João Pessoa, Paraíba**

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Professor do Departamento de Ciências Sociais
da Universidade Federal da Paraíba.

Maria Sandra Rodrigues dos Santos

Mestre em Sociologia
pela Universidade Federal da Paraíba.

Alessa Cristina P. de Souza

Rivamar Guedes da Silva

Andréia Vieira da Silva

Anne Gabriele Lima Sousa

Alexandre Paz Almeida

Francisco de Assis Vale C. Filho

UFPb

Este trabalho tem por objetivo discutir as formas de sociabilidade e uso do espaço sob a ótica do medo no urbano contemporâneo. Parte de estudos de caso em alguns bairros da cidade de João Pessoa, Paraíba, integrantes de uma pesquisa maior, intitulada "*Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*" (Koury, 2000)¹.

O objetivo da pesquisa maior é investigar a construção social do medo no imaginário do homem comum e habitante das cidades do Brasil na atualidade tendo, como perspectiva de análise, o medo enquanto construção significativa e inerente a toda forma de sociabilidade e mesmo enquanto força organizadora do social (Koury, 2000 e 2002a).

Neste sentido o medo é visto como "*... uma das principais forças organizadoras deste social*". É um sentimento que rege todo o comportamento humano, "*... em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente*" (Koury, 2002 a: 121), e faz parte de toda e qualquer experiência social.

O alto nível de conflito e tensões existentes no mundo atual, onde as pessoas se sentem inseguras frente ao outro, e a própria noção do outro ressalta o estranhamento e as diferenciações entre os indivíduos e grupos, o medo, assim como a vergonha (Elias, 1990; 1993), parece fazer parte e dar sentido a uma norma através da qual, o esforço para o refreamento e autocontrole dos comportamentos individuais, se constitui como elemento fundamental para as relações humanas nas sociedades ocidentais.

As relações sociais são sempre permeadas por elementos de tensão e conflito e, portanto de medo. Assim, em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente e, como afirma Koury (2000: 1), no projeto de pesquisa Medos Corriqueiros: *"As relações entre indivíduos ou grupos se encontram sempre permeadas e se configuram e reconfiguram sob a presença direta ou indireta do medo. São, deste modo, as formas que assumem o medo, enquanto processo social geral e específico de cada relação"*.

O que se está querendo compreender, assim, neste trabalho, são as formas de sociabilidade que assumem determinados grupos diante de situações corriqueiras e banais, onde medos e receios podem ser pensados como pano de fundo ou constituindo a trama interna que movimenta estas relações. Desde as trocas entre vizinhança e os códigos de segredo entre iguais até a situações mais gerais movidos por categorias como a pobreza, a violência, e as diversas formas e sentimentos de instabilidade grupal e individual presentes nas relações entre os moradores da cidade de João Pessoa, Paraíba. Várias são os motivos de análise, remetendo às formas em que os medos corriqueiros, enquanto categoria analítica, se faz presente. A categoria medo, deste modo, é entendida neste trabalho como um fenômeno histórico e social, porque construído, e as formas possíveis que assumem o faz ser sempre singular a cada relação, não sendo, deste modo, o mesmo para todos. Embora possa ser constituído como uma categoria lógica de pensamento e através dela estabelecer critérios comparativos de cada singularidade social e sua eficácia formativa entre os seus membros.

O medo, enfim, é um fenômeno que varia de acordo com determinada situação, mas que se encontra presente em toda forma de sociabilidade. Este trabalho, como dito acima, busca compreender as formas de sociabilidades a partir do sentimento do medo. Parte do pressuposto de que o medo é *"... uma relação social significativa para a compreensão de qualquer formação social"* (Koury, 2002 a: 171), e busca compreender como se fundam, se estabelecem e se modificam as formas de organização social, vividas por uma população específica no cotidiano, através da rede de relações de aproximação e exclusão por elas tecidas real ou imaginariamente. Redes de relações que dão suporte e arcação para a constituição de sentimentos e noções de pertença, de pessoa, do eu e do outro no interior desta trama.

O que faz uma população, aparentemente, se apresentar como uma organização social, proporcionar elementos de uma vida comunitária e, ao mesmo tempo, manifestar-se como uma teia de relações fundada em conflitos, contradições e ambigüidades. Em outras palavras, ao tomar o medo como uma noção fundante das relações sociais, o pesquisador se permite adentrar nos aspectos morais e estéticos de uma dada cultura e dos elementos valorativos nela e por ela configurados. O que o faz levar em conta as tensões cotidianas das trocas sociais, ampliando a compreensão sobre o ethos de um povo ou população determinada, definido por Geertz (1978: 143) como *"o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete"*.

Ou, ainda, seguindo Geertz (1978: 144), sobre a visão de mundo, entendida como os aspectos cognitivos e existenciais de um povo. Em suas palavras, *"...o quadro que elabora das coisas como ela são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade"*. Para Geertz, o quadro elaborado por uma visão de mundo específica, contém as idéias mais abrangentes sobre o que uma determinada população entende sobre as noções e significados de ordem e de normalidade, bem como permite entender as diversas formas de constituição das crenças e dos rituais a que estão submetidas ou se autosubmetem, se confrontam

ou confirmam-se enquanto uma singularidade sempre tensa e ao mesmo tempo mutuamente afiançada.

A pesquisa

Far-se-á, aqui, uma apresentação dos caminhos percorridos pela pesquisa, tendo como objeto os estudos de caso em andamento nos bairros selecionados da cidade de João Pessoa, e as condições em que estão e ou foram feitos os trabalhos de campo. Foi definido pelo pesquisador principal, em um primeiro momento de aproximação metodológica e treinamento da equipe de pesquisadores associados ao GREM, trabalhar com as categorias estabelecidas por Magnani (1984, 1993, 2000 e 2002) para o estudo das cidades e populações urbanas. Era preciso ter claro, deste modo, que a noção de festa era a categoria principal e o objeto de análise de Magnani, e que seria necessário retomar as categorias metodológicas aproximativas do espaço urbano sob uma outra ótica. A ótica dos medos corriqueiros, cotidianos e banais desenvolvida pela pesquisa e, através deste ajuste, buscar identificar as categorias de Magnani nos bairros trabalhados e tentar ver se elas dariam o suporte necessário a uma visão dos bairros e de seus moradores adequada à pesquisa em curso.

Concomitante as tentativas de construção de um quadro de categorias aproximativas para o trabalho com a noção de medos corriqueiros nos bairros de João Pessoa, desenvolveu-se as primeiras entradas a campo. Cada pesquisador adentrou em um bairro específico para estudo de caso, tentando especificar algumas características e espaços próprios dos bairros. Neste percurso de campo foram realizadas entrevistas e observação participante. Foi feito, também, um levantamento de dados em lugares que pudessem auxiliar na composição e compreensão de cada bairro e de suas histórias, oficiais ou imaginárias. Foram visitados órgãos públicos, como a Secretaria Municipal de Planejamento, a Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores, a Biblioteca Municipal, a Biblioteca do Espaço Cultural José Lins do Rego e a Fundação de Ação Comunitária - FAC, CEHAP - Companhia Estadual de Habitação Popular; órgãos religiosos, como a Arquidiocese da Paraíba e as Paróquias dos bairros; Institutos de Pesquisa, como o IBGE, o IHGP e o NDHIR; e ONG's como a AMAZONA, entre outros.

Construção de Categorias Norteadoras

Magnani, em seus diversos textos, configura o espaço urbano não apenas como um espaço com a funcionalidade de circulação, mas enquanto um espaço de sociabilidades. Esta perspectiva é a mesma utilizada pela pesquisa Medos Corriqueiros.

Para discutir o espaço urbano como um espaço de sociabilidades, o autor elabora quatro categorias distintas para pensar a cidade. As quatro categorias por ele elaboradas são denominadas de pedaços, manchas, trajetos e pórticos. A categoria *pedaço* compreenderia o espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas, impostas pela sociedade. Ou seja, aquele encontrado no âmbito da vizinhança, onde todos se conhecem e estão entre os considerados iguais e que funciona como ponto de referência para os sentidos e sentimentos de pertença.

As *manchas*, por sua vez, formam uma categoria caracterizada por espaços ocupados pela função de lazer e encontros, propostos ou dispostos em lugares específicos de uma sociedade, de um bairro ou de uma comunidade. Os espaços

abarcados pela categoria de manchas, no entender do autor, seriam pontos de referenciais físicos de um determinado lugar, freqüentados, conhecidos ou apontados por uma população determinada. As categorias de *trajetos* e de *pórticos* se constituem enquanto lugares não pertencentes aos pedaços e as manchas, sendo considerados como lugares perigosos, sombrios, onde muitas vezes faz-se mister cruzar rapidamente, sem olhar para os lados (Magnani, 2002: 20-25).

Dentro dessa perspectiva, a pesquisa partiu para a coleta de informações capaz de elencar e organizar as categorias elaboradas por Magnani nos bairros escolhidos para estudos de caso na cidade de João Pessoa. Através de visitas aos bairros, das configurações das suas fronteiras, reais e imaginárias, internas e com os outros bairros, e em relação com o município de João Pessoa como um todo, dos traçados de moradias e equipamentos neles dispostos, de dados populacionais e institucionais e de conversas com seus moradores e transeuntes, se começou a elaborar um mapeamento de cada bairro visando à compreensão da cotidianidade neles imersas, tendo o conceito de medos corriqueiros (Koury, 2000; 2002 a) como núcleo fundamental de investigação.

Os bairros trabalhados foram divididos em dois grupos a partir de critérios sócio-econômicos situados a partir de uma representação da cidade como todo. Os bairros de Cruz das Armas, Ilha do Bispo, Mangabeira, Tambiá e Valentina, deste modo, fazem parte do grupo de bairros populares, e os bairros de Tambaú e Estados do grupo de bairros de classe média e média alta da cidade de João Pessoa.

Na primeira análise comparativa entre os diversos estudos de caso foram encontradas algumas semelhanças e diferenças entre os dois grupos de bairros estabelecidos previamente. Os bairros populares se caracterizariam, em uma primeira instância, por ainda pautarem o seu cotidiano e as suas formas de relações sociais e sociabilidades em elementos que remetem a modos de vida mais tradicionais. Onde a idéia de comunidade aparece mais fortemente e, se si ampliasse às categorias de Magnani para um espaço maior do que elas pretendem situar-se, e se si estabelece uma forma comparativa *an passant* com os demais bairros da cidade, os bairros populares da cidade de João Pessoa parecem supor e comportar bem a categoria de *pedaço* estabelecida por Magnani e reutilizada aqui sob uma visão de possibilidades de sociabilidade pautadas na lógica conceitual dos medos corriqueiros trabalhados por Koury e por este trabalho.

Nesses bairros é comum se encontrar moradores dispendo cadeiras ou ocupando espaços de conversas nas calçadas, uma intensa movimentação de vizinhança, uma ampla rede de solidariedade e de amizade. O que não se quer dizer que tudo são flores, mas que toda esta lógica do pedaço coloca os moradores em uma estreita relação cotidiana. O que os fazem próximos, no sentido da solidariedade e troca afetiva de amizades e compadrio, mas, ao mesmo tempo, no interior desta lógica comunitária, submetidos a relações tensas, oriundas desta mesma proximidade. Brigas entre vizinhos, por motivos vários, dificuldade de delimitação de espaços privados, todos se conhecem e tudo o que se passa fica conhecido por todo o bairro, inveja, mágoas e desafetos, entre outras formas de expressão de tensão fazem parte desta mútua relação de respeito e antagonismo presente em todas as formações onde a proximidade entre os pares das relações são intensas.

Esse *ethos* comunitário presente nos bairros populares aqui trabalhados, em estreita associação com a *visão de mundo* presentificada nas relações entre si e com a cidade e país mais geral parecem permitir aos moradores a elaboração de uma autodefinição de si mesmos e dos outros guiados por uma lógica moral, e pautados nos conceitos de honestidade, de honra e de compadrio, sobretudo diante da onda

de violência que se expande na cidade e no país, e de que são vítimas, tanto das visões estigmatizantes vinda de fora, da cidade, e das organizações policiais e da mídia, tanto quanto pela presença do crime organizado neles entranhado. O que leva, muitas vezes, esses laços de proximidade e solidariedade serem regados pelo sentimento do medo e de estranhamento do seu próximo. Dando origem a uma lógica meio perversa de que o outro, em potencial, é sempre possível de ser melhor ou pior do que o eu que reflete ou informa. Criando um espaço de desconfiança e solidão nas trocas entre os moradores, o que provoca uma ambivalência nas relações entre os iguais, e uma visão de inferioridade frente aos outros próximos ou distantes (Koury, 1986, 1988, 1994; Sarti, 1994).

Já o grupo de bairros elencados como de classe média e média alta possuem características específicas diferentes das anteriormente mencionadas. Nesses bairros o anonimato (Simmel, 1987) parece ser, em uma primeira aproximação, o principal elemento de identificação. É comum se encontrar muros altos e porteiros eletrônicos. No interior do espaço privado, constituído pelo âmbito das moradias, casas ou apartamentos, os seus moradores parecem buscar isolarem-se e criar uma rede de proteção sob o estigma de uma cultura do medo que se espalha e parece passar a ditar o cotidiano do brasileiro médio. A categoria de *pedaço*, aqui também visualizada de uma forma mais ampla que a utilizada por Magnani, parece, em um primeiro momento, não existir entre os moradores dos bairros que compõe esse bloco.

No que diz respeito à categoria de *mancha*, estabelecida por Magnani, identificamos a sua presença, nos bairros populares, de forma reduzida, com algumas exceções, contudo. Como a identificada no bairro de Mangabeira, onde é possível escolher dentre vários espaços de suporte de sociabilidades destinados às práticas de lazer e comércio, que comportam pessoas não apenas do bairro, como de toda a cidade. Embora, dentro de uma lógica mais aproximativa, é possível perceber em cada bairro popular uma rede informal de comércio e espaços de lazer que podem vir a ser caracterizada como *manchas*. Pontos de encontro específico de cada local onde a frequência determina uma singularidade e demarcam referenciais precisos de ocupação por grupo de pessoas, faixa etária, tipos de atividade, etc. Assim, ligas de dominós, feiras semanais ou diárias, associações ou clubes comunitários, pátios e interiores de igrejas, praças, pontos de paquera, festas comunitárias ou de grupos específicos, pontos de venda e consumo ambulantes de produtos de lazer ou de utilidades em geral, entre tantos outros aspectos fazem parte do registro de territorialidades e sociabilidades permitido pela categoria de *mancha* no espaço da cada bairro popular.

No grupo de bairros classificados como de classe média e média alta as *manchas* aparecem de forma mais intensa e visível, pelo fato de aparecerem enquanto um reduto de comércio e lazer para a cidade como um todo. Como é o caso do bairro de Tambaú.

Ao se referir às categorias de *pórticos* e *trajetos*, e sua utilização para a pesquisa sobre os medos corriqueiros, é necessário trazer o conceito de estigma, utilizado por Goffman (1988), para uma melhor compreensão das categorias. Principalmente na discussão goffmaniana da noção de manipulação da identidade deteriorada. Goffman define estigma como um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. Atributo seria os meios de categorizar as pessoas, tanto negativamente, como afirmativamente e estereótipo seria a identificação do indivíduo a esse atributo.

Quando os indivíduos se apresentam com atributos que os distingue dos outros e que, através deles se tornam pessoas diminuídas ou socialmente inferiores,

eles são portadores de estigmas. O que parece gerar um indivíduo inabilitado para o exercício de seus papéis sociais e com dificuldade de aceitação social plena. O conceito de estigma discute o processo formativo e as formas de autoenxergar-se e ser visto pelo social mais amplo, ou por um outro indivíduo ou grupo particular, como um indivíduo marcado e que deve ser evitado ou submetido a um olhar piedoso.

Neste sentido, os *trajetos* e os *pórticos* são trabalhados aqui como lugares sombrios e liminares, que fogem do conforto do já conhecido, e constituem o que Goffman chamou de estigma. Lugares desacreditados, socialmente inferiores, ou seja, diminuídos e, portanto, portadores de estigma.

As categorias de *pórticos* e *trajetos* vistos desta forma são importantes para a pesquisa porque permitem situar espaços que, historicamente falando, se confundem e se misturam dentro e fora dos bairros, no imaginário ou no cotidiano das práticas dos seus habitantes. O que permite uma discussão sobre os significados das noções de semelhança e de dessemelhança entre os habitantes de cada bairro estudado, dentro de uma visão interna ao próprio bairro, ou na configuração de uma relação do bairro com os outros bairros ao redor, ou em relação com a cidade como um todo.

Nesse sentido, *pórticos* e *trajetos* são categorias presentes nos dois grupos de bairros analisados, e importantes para a análise das formações imaginárias e reais das sociabilidades inerentes a formação de cada bairro e sua relação com a cidade mais geral.

Conclusão

Este trabalho discutiu os primeiros passos de uma pesquisa em alguns bairros da cidade de João Pessoa, Paraíba, que tem por objetivo compreender as formas de sociabilidade e o uso do espaço sob a ótica do medo no urbano contemporâneo. Tem como perspectiva de análise, o medo enquanto construção significativa e inerente a toda forma de sociabilidade, partindo do pressuposto de que a análise dos medos corriqueiros permite a compreensão das redes de relações que dão suporte e arcabouço à constituição de sentimentos e noções de pertença, de pessoa, do eu e do outro no interior desta trama social.

Cada pesquisador adentrou em um bairro específico, tentando especificar algumas características e espaços próprios dos bairros, usando as categorias analíticas elaboradas por Magnani para trabalhar com a problemática das festas em um contexto urbano, ajustadas e adaptadas à ótica dos medos corriqueiros desenvolvida pela pesquisa maior.

Os bairros trabalhados foram divididos em dois grupos, a partir de critérios sócio-econômicos e, através deles, procurou-se compreender e discutir-se o ethos presente e característico a cada um dos bairros trabalhados, em relação estreita com suas visões de mundo, tal como conceituadas por Geertz. Bem como as noções de estigma e vergonha elaborados por Goffman e Elias como inerentes ao imaginário que impulsionam as relações entre os habitantes locais e da cidade como um todo. Para isso, foi preciso ter em vista que cada bairro, apesar de poder ser pensado como uma entidade autônoma, sua autonomia só podia ser compreendida relacionada a cidade de João Pessoa em sua totalidade, e mesmo, dentro de um contexto mais amplo, ao país como um todo.

Estas aproximações teórico-metodológicas permitiram adentrar nas relações traçadas por cada morador e por cada bairro entre si e com a cidade e país mais geral. O que conduziu a uma chave compreensiva do processo de elaboração de uma autodefinição de si mesmos e dos outros, - definidos dentro de planos reais ou abstratos, - guiado por uma lógica moral, ética e social construídas internamente em cada bairro. Autodefinições referenciadas de um modo claro ou não, mas que se encontram em constante inter-relação com a sociedade mais ampla onde estão inseridos, seja como pessoa, morador, ou seja, como um bairro típico local.

Permitiram, enfim, a compreensão do processo formativo dos laços de proximidade ou de ameaça ou intimidação, em cada bairro, com visões de mundo onde se inter-relacionam as experiências do cotidiano vivido por seus moradores, cruzadas com as informações trazidas de fora para dentro de cada bairro. Onde cada experiência pessoal ou comunitária específica aparece em um processo de redefinições vividas de forma ambígua e ambivalente em sua troca local ou com os outros de fora, regada pelo sentimento do medo e de estranhamento do seu próximo.

O que parece criar espaços de isolamento e uma rede de proteção sob o estigma de uma cultura do medo que se espalha e ameaça ditar o cotidiano de cada morador e de cada bairro, nas suas trocas internas ou com a sociedade mais ampla (Velho, 2000; 2000 a). O que leva a pesquisa, enfim, para uma discussão sobre os significados das noções de semelhança e de dessemelhança entre os habitantes de cada bairro estudado, dentro de uma visão interna ao próprio bairro, ou na configuração de uma relação do bairro com os outros bairros ao redor, ou em relação com a cidade como um todo.

Referências Bibliográficas

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - Vol. I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
_____. **O processo civilizador - Vol. II: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Pobreza e cidade: as tentativas de regulamentação dos homens pobres no Nordeste, 1889 a 1920*. **Cadernos do CEAS**. Salvador, CEAS - Centro de Estudos e Ação Social, n. 106, nov/dez. 1986, p. 36-46.

_____. *Diferenciação entre o bem e o mal: pobreza, violência e justiça*. In: MOTTA, A.B. et al. **Nordeste, o que há de novo?** Natal: Ed. Universitária, 1988, p. 147-149.

_____. *As violências invisíveis: Paraíba - 1993*. **Política & Trabalho**. João Pessoa, Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, n. 8/10, jul. 1994, p. 3-12.

_____. *Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa. João Pessoa: GREM/DCS-UFPB, 2000.

_____. *Confiança e Sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença*. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. João Pessoa, GREM, v.1, n.2, ago. 2002.

_____. *Medos Corriqueiros: Em busca de uma explicação metodológica*. **Conceitos**. João Pessoa, ADUFPB, v. 5, n. 8, p. 120-127, 2002a.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. **Cadernos de História de São Paulo**. São Paulo, n. 2, jan./dez. 1993.

_____. *Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. L. (orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002, p. 11-29.

SARTI, Cynthia Andersen. *Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1994.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, O. G. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

VELHO, Gilberto. *Individualismo, anonimato e violência na metrópole*. **Horizontes Antropológicos**. Ano 6, n. 13, 2000, p. 15-29.
_____. *Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica*. In: VELHO, G. & ALVITO, M. (orgs). **Cidadania e violência**. 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 2000 a, p. 11-25.

Nota

1) Os bairros até agora trabalhados como estudos de caso são: Tambaú, Tambiá, Estados, Ilha do Bispo, Valentina, Mangabeira, Cruz das Armas.

Copyright© 2000 DCS - CCHLA – UFPb

Todos os Direitos Reservados. Nenhuma cópia dos textos aqui publicados pode ser distribuída eletronicamente, em todo ou em parte, sem a permissão restrita da revista **CAOS**. Este modo revolucionário de publicação depende da confiança mútua entre o usuário e o editor. O conteúdo dos textos aqui publicados é de inteira responsabilidade de seus autores.